

**CAFFÉ, E. (REALIZADORA). (2003). NARRADORES DE JAVÉ [FILME]. BRASIL, FRANÇA: BANANEIRA FILMES, GULLANE FILMES, LATERIT PRODUCTIONS E RIOFILME.**  
**CAFFÉ, E. (DIRECTOR). (2003). STORYTELLERS [FILM]. BRAZIL, FRANCE: BANANEIRA FILMES, GULLANE FILMES, LATERIT PRODUCTIONS AND RIOFILME.**

Giane Lessa

---

Uma cidade do sertão do nordeste brasileiro será inundada devido à construção de uma usina hidrelétrica. No filme dirigido por Eliane Caffé<sup>1</sup>, *Narradores de Javé*, ao se deparar com sua sorte iminente, a população da pequena cidade nordestina é notificada de que somente em caso da patrimonialização, a inundação poderia ser evitada. Os habitantes precisam elaborar um dossier que dê conta dos grandes feitos de Javé para que possam justificar sua preservação.

Como ocorre em algumas regiões do Brasil, os habitantes de Javé vivem num sistema de quase total oralidade. Poucos são capazes de realizar pequenas incursões ao mundo da escrita alfabética. Decidem, então, intimar o único morador letrado a registrar sua história: Antônio Biá, antigo funcionário do correio local. Biá fora banido da convivência na comunidade, pois, para salvar seu posto no correio de uma localidade plena de analfabetos, escrevia cartas em que inventava, mentia e caluniava seus vizinhos. Com sua imaginação e gênio, Biá sobrevivia às agruras do sertão nordestino como um pícaro o faria: de forma dramática e burlesca.

Só restava aos moradores solicitar àquele que os havia ludibriado que transcrevesse para o papel as narrativas da fundação da cidade. Biá deveria executar a tarefa de um etnógrafo: ouvir as histórias contadas e editá-las de maneira “científica”. O livro de Javé é preconizado como possível e único portador da autenticidade dos fatos, garantida pelo rigor científico de sua elaboração. Só assim Javé seria capaz de impedir que o avanço do progresso deixasse submersos seus bens, suas vidas e seus mortos.

Antônio Biá sai em campo com a tarefa de salvar seus vizinhos, tentando organizar a escuta dos que reclamam um lugar nas páginas da história do Vale do Javé e têm a urgência da elaboração do livro. Nenhum deles deixa de reconhecer que havia existido um determinado senhor chamado Indalécio que fundou a cidade “cantando suas

---

<sup>1</sup> Eliane Caffé nasceu em São Paulo, em 1961. Estudou Psicologia na PUC e dramaturgia na Escola Internacional de Cinema e Televisão de San Antón de los Baños, em Havana e realizou estudos de pós-graduação no Instituto de Estética e Teoria das Artes da Universidade Autônoma de Madrid. Eliane Caffé recebeu vários prêmios nacionais e internacionais (França, Bélgica, Uruguai) com uma obra situada entre o documentário e a ficção de cunho social. Seu primeiro longa-metragem *Kenoma* foi premiado como melhor filme, na França, no XX Biarritz International Film Festival. *Narradores de Javé* foi seu segundo longa-metragem e recebeu vários prêmios no Brasil e o prêmio de melhor filme e melhor roteiro no Festival de Cinéma des 3 Ameriques e melhor filme no 30º International Independent Filme of Bruxelas. A diretora ainda coordenou documentários experimentais e séries para a TV e oficinas de audiovisual em zonas de conflito em São Paulo, além de estreitar na dramaturgia, como diretora da peça *A vida que eu pedi*, Adeus de Sérgio Roveri.

divisas”, mas cada um reivindica para si o parentesco com o fundador. Contrariando a legitimidade da escrita, a oralidade emerge como fidedigna, já que as divisas cantadas contradizem o documento assinado e averbado que, atualmente, confere a posse da terra. Por outro lado, ao ouvir os demais moradores, Biá se depara com a multiplicidade de pontos de vista que acaba por fragilizar a narrativa oral, já que o que se pretende é uma narração “verídica” dos acontecimentos.

Durante sua primeira auditiva, Antônio Biá “melhora” o relato de um dos moradores no movimento em direção a sua transposição para a escrita e é por ele severamente repreendido. Ao ser questionado, Biá justifica: “uma coisa é o fato acontecido, outra coisa é o fato escrito. O acontecido tem que ser melhorado e escrito de forma melhor para que o povo creia no acontecido”. Para tornar-se plausível, o acontecimento narrado oralmente deve ser alterado pela escrita. A oralidade se apresenta como factual e a escrita como a invenção necessária que poderia conferir autenticidade aos fatos. Desse modo, a escrita, que adquiriu, nas sociedades ocidentais, o *status* da veracidade, aparece também como controversa. O documentário demonstra que, se a memória oral é plural e diversa, a memória escrita é editada e necessariamente altera os acontecimentos.

Com efeito, o discurso oral terá sua autenticidade questionada pelos personagens, pela ausência de consenso em suas disputas pelo protagonismo na constituição da memória do vilarejo. Já que suas versões dos fatos se contradizem, tentam fazê-las valer recorrendo a objetos, documentos e à memória inscrita no corpo da única habitante que reivindica o protagonismo feminino, na pessoa de Maria Dina, como fundadora de Javé. Para comprovar seu ponto de vista, ela exhibe uma mancha de nascença que todo descendente de Maria Dina teria. No entanto, a heroína, suposta fundadora de Javé é desqualificada como louca por um dos personagens e, portanto, incapaz de ser portadora das honras da fundação da pequena cidade. A disputa pela legitimidade da memória torna-se mais complexa quando passa pela questão de gênero, pois, a inexistência de outras possíveis fundadoras de Javé e a atribuição da loucura à única representante feminina evidenciam a força do domínio masculino sobre as narrativas históricas.

Outro aspecto em relevo no filme concerne à temporalidade da narrativa oral e ao processo tradutório implicados no contato com grupos étnicos de culturas de base oral não ocidentais. Um dos informantes de Antônio Biá é um ancião de uma comunidade quilombola da região, que fará seu relato do ponto de vista de sua comunidade. A auditiva só pode se realizar por meio da tradução feita pelo membro da comunidade que domina também a língua ocidental. Essa mediação envolve a não correspondência de categorias léxico-culturais entre as culturas e línguas em questão. O velho narrador paralisa o seu relato quando interrompido por Antônio Biá. O intérprete adverte que o silêncio durará três dias, despertando protestos do escritor de Javé, que não pode compreender as relações temporais e seus significados na invocação da palavra e da memória de uma comunidade culturalmente diversa.

A heterogeneidade cultural é mais um fator que constitui a pluralidade de memórias em desacordo. Torna-se cada vez mais evidente a impossibilidade de registrá-las numa única perspectiva. A disputa pela memória de Javé se abre num campo de batalha

colocando em evidência a complexidade e a instabilidade constitutiva de sua elaboração. O filme aponta para o aspecto processual, subjetivo, conflitivo e sócio-historicamente situado da construção da memória. A evidência da condição plural e não consensual de sua constituição impede definitivamente a elaboração do livro. Antônio Biá não tem coragem de comparecer ao encontro marcado com os moradores de Javé para dar conta da incumbência esperada. Em vez disso, envia o livro em branco, acompanhado por uma carta em que tenta justificar-se: “quanto às histórias, é melhor ficarem na boca do povo porque não há mão que lhe dê razão”.

O filme manifesta a ambivalência dos valores atribuídos histórica e socialmente aos discursos orais e escritos, sobretudo, no que tange à fidedignidade na construção narrativa dos acontecimentos. Acabamos por indagar pelas condições discursivas e pela enunciação: quem narra? Quem está autorizado a narrar? Quem tem o direito de narrar? Quem escreve? Quem pode escrever? Quem sabe escrever? Como escrever? Quem rememora? Como rememora? Por outro lado, a obra expressa a expectativa na educação e no letramento escolar, quando é solicitado a uma criança que leia a carta de Antônio Biá, pois os adultos que estão ao redor não o podem fazer.

Emblemático de várias localidades brasileiras inundadas, o destino do Valé do Javé se assemelha aos de outros vilarejos, cujos habitantes foram desterrados e tiveram de migrar para outras regiões. As tensões entre oralidade e escrita não se diluem. A escrita fixaria aquilo que está em movimento permanente. A escrita parece não dar conta da realidade pulsante e da memória viva. O avanço do progresso se dá de forma abrupta, solapando o esforço frustrado de construção de uma única versão dos fatos: Javé é irremediavelmente inundada pelo poder econômico. O que resta aos seus habitantes? A memória: todo fim de um ciclo acaba por inaugurar o nascimento de outra contingência, da qual decorrem novas necessidades de narrar. Diante do vilarejo inundado, os moradores de Javé imediatamente se engajam no reordenamento de suas memórias a partir da conjuntura que se apresenta. No filme de Eliane Caffé, letramento e memória alentam a necessidade de futuro e a sobrevivência no porvir.

Com “Os Narradores de Javé”, além de manter-se fiel à temática social, emblemática de sua obra, Eliane Caffé ressalta um argumento, comum a várias regiões do Brasil, em que populações locais são forçosamente desterradas e suas referências identitárias e familiares se vêem profundamente comprometidas devido à construção de represas. A diretora firma sua carreira por meio de uma produção cinematográfica comprometida com comunidades deslocadas social e culturalmente e elaborada a partir da vivência junto a essas comunidades e de uma pesquisa bem estruturada que caracteriza seus roteiros.

#### NOTA BIOGRÁFICA

Professora Adjunta da Universidade Federal da Integração Latino-americana no curso de Letras, Artes e Mediação Cultural (graduação) e Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos; pós-doutoranda em Estudos Culturais da Universidade

do Minho. Possui mestrado em Interdisciplinar Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorado em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: Trânsitos culturais, Oralidade, Memória social e Patrimônio. No presente, realiza estudos de pós-doutorado na linha de pesquisa de Estudos Culturais na Universidade do Minho.

Email: [giane.lessa@unila.edu.br](mailto:giane.lessa@unila.edu.br)

Morada: Universidade Federal da Integração Latino-americana, Edifício Comercial Lorivo - Avenida Silvio Américo Sasdelli, Vila A, 1842 - Vila A, Foz do Iguaçu - PR, 85866-000, Brasil

\* **Submetido: 04-09-2018**

\* **Aceite: 02-01-2019**